XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: DA MEDIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS À DESIGUALDADE DE ACESSO

UNIVERSITY LIBRARIES IN THE PANDEMIC OF THE NEW CORONAVIRUS: FROM THE MEDIATION OF TECHNOLOGIES TO INEQUALITY OF ACCESS

Patrícia dos Santos Costa. IBICT.

Regina Maria Marteleto. IBICT.

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado, em andamento, cujo objetivo geral é compreender o papel das bibliotecas universitárias frente aos desafios enfrentados pelas universidades públicas no Brasil, no contexto da crise sanitária provocada pela pandemia do novo coronavírus, a partir de 2020. Trata-se de reflexões ancoradas numa pesquisa baseada em referências documentárias recuperadas em portais de universidades públicas, e de uma entrevista exploratória com a coordenadora do Sistema de Bibliotecas e Informação (SIBI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Busca entender como o acesso e a permanência dos alunos no ensino superior foi impactado com o isolamento social, refletindo sobre a importância da infraestrutura ofertada pelas bibliotecas, principalmente para o alunado oriundo das classes mais pobres, bem como a mediação tecnológica e seus desafios, que foi importante durante a pandemia. Essas reflexões preliminares sinalizam novos caminhos e desafios para as universidades e suas bibliotecas, frente às questões de acesso, permanência e desempenho do alunado, sobretudo os das classes sociais menos favorecidas.

Palavras-Chave: Pandemia de Covid-19. Universidade Pública. Biblioteca Universitária. Mediação tecnológica. Acesso à informação.

Abstract: The present work aims to understand the role of university libraries in face of the challenges faced by universities in Brazil in the face of the health crisis caused by the pandemic of the new coronavirus, as of 2020. This is a documental, exploratory research. It reflects on the Public Universities as spaces that in the past were destined to the social elite and that throughout the last two decades have had more egalitarian access, given the public policies of social inclusion. It seeks to understand how access to higher education was impacted by social isolation, reflecting on the importance of the infrastructure offered by libraries, especially for students from poorer classes, as well as technological mediation and its challenges, which was important during the pandemic. These reflections, still preliminary, are part of a doctoral thesis and indicate new paths and challenges for university libraries and their reinvention in face of the issues of access, permanence and performance of students, especially those from the less favored social classes.

Keywords: Covid-19 Pandemic. Public university. University Library. Technological Mediation. Information Access.

1 INTRODUÇÃO

O reconhecimento da Covid-19 como pandemia foi dado a partir da declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS), em marco de 2020[1]. Em seguida foi anunciada uma série de recomendações para prevenção e controle do vírus[2], dentre elas o isolamento social.

Nessa perspectiva, configurou-se um novo ambiente de convívio e relações sociais mediado pelas tecnologias para as instituições em geral e para as universidades, exigindo medidas de urgência para atender as necessidades de suas comunidades, a fim de não paralisar totalmente as suas atividades. Se as tecnologias emergiram como aliadas para atender as demandas que vieram junto com o isolamento social, pergunta-se como o alunado, sobretudo dos grupos menos favorecidos, tiveram como aderir de forma eficiente a esse novo modelo de aprendizagem - o ensino remoto emergencial?

Analisando pelo prisma da desigualdade social, as universidades públicas, desde sua fundação, configuram-se como espaços destinados a uma elite social. Por outro lado, movimentos sociais voltados para garantir a oportunidade de acesso de alunos oriundos das classes populares surgiram como meios de ruptura desse modelo educacional, seja impulsionando as políticas públicas de ações afirmativas adotadas, a partir da década de 2000, ou por meio de ações locais como, por exemplo, os pré-vestibulares comunitários, voltados à preparação dos jovens para a disputa de vagas nas universidades públicas.

Partindo do princípio de que o isolamento social pode ter prejudicado o acesso a recursos importantes para o desenvolvimento social, tais como educação, informação e conhecimento, os sujeitos oriundos das classes populares possivelmente foram os mais impactados, uma vez que nas atividades através do Ensino Remoto Emergencial (ERE), os discentes tinham que dispor de recursos tecnológicos e também ter espaços que possibilitassem a dedicação satisfatória ao estudo.

Nesse sentido, o pressuposto geral da pesquisa é de que, tanto a paralisação parcial das atividades nas universidades, com foco na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a

[1] Em 11 de março de 2020, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, anuncia que a doença provocada pelo Covid-19 se caracterizada como uma pandemia. Disponível em: https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic

[2] Em 15 de março de 2020 a OMS divulga uma primeira série de medidas de prevenção e controle de infecção no contexto da doença causada pelo novo Coronavírus (COVID-19).

substituição do ensino presencial pelo remoto emergencial, quanto o fechamento das bibliotecas universitárias durante a crise sanitária, impactaram o acesso à informação e ao conhecimento pela comunidade acadêmica de um modo geral, mas, sobretudo, os estudantes que ingressaram nas universidades através das políticas públicas de ações afirmativas.

Com base nesse cenário, a presente comunicação pretende discutir sobre as mudanças que as universidades e suas bibliotecas tiveram que enfrentar para atender a comunidade acadêmica, face ao fechamento dos espaços físicos e à paralisação de serviços, além dos recursos tecnológicos empregados para a continuidade das atividades para o acesso à informação e ao conhecimento durante o período pandêmico.

Trata-se de uma pesquisa de doutoramento em andamento. Nesta comunicação serão apresentadas as reflexões inicias sobre a pandemia no Brasil e as ações promovidas pelas universidades públicas para dar continuidade aos serviços e atividades e, por fim, refletir sobre a mediação tecnológica que se potencializou durante a pandemia, uma vez que alguns serviços que eram ofertados presencialmente, passaram a ser realizados de forma remota, necessitando da mediação e capacitação por parte dos usuários e profissionais.

2 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

O procedimento metodológico adotado para elaboração deste trabalho é de caráter documental, uma vez que se recorreu a fontes primárias e secundárias para respaldar a ideia que se pretende defender. Crítico, visto que buscamos conectar ideias que fundamentem reflexões sobre a forma como as universidades e as bibliotecas universitárias, enquanto espaços relevantes no processo de ensino e aprendizagem, vêm atuando diante do cenário pandêmico. Nesse sentido, adotaram-se dois procedimentos: a) levantamento de fontes documentárias na Internet, em portais de universidades públicas, com o objetivo de compreender o posicionamento e as ações tomadas por essas instituições em relação às medidas sanitárias frente aos impactos da pandemia; b) entrevista exploratória com a coordenadora do Sistema de Bibliotecas e Informação (SIBI) da UFRJ, sobre as ações das bibliotecas frente à paralisação das atividades presenciais na universidade.

3 AS UNIVERSIDADES PÚBLICAS NO BRASIL FACE À CRISE SANITÁRIA - A PANDEMIA DE COVID-19

A história da educação superior no Brasil é marcada pela desigualdade e pelo elitismo colonial português. O modelo de desigualdade de acesso ao ensino superior perpetuou por séculos, mas vinha sendo modificado através das ações dos movimentos sociais e das políticas públicas nos últimos 20 anos.

O acesso de estudantes oriundos de classes sociais menos favorecidas nas universidades ganharam força nos anos 2000 e políticas públicas que visavam garantir o acesso desses indivíduos foram implantadas ao longo dessa década. De acordo com o Informativo de Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil:

> Com vistas a ampliar e democratizar o acesso ao ensino superior, uma série de medidas foi adotada a partir dos anos 2000: na rede pública, a institucionalização do sistema de cotas, que reserva vagas a candidatos de determinados grupos populacionais, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - Reuni e o Sistema de Seleção Unificada - SiSU; e, na rede privada, a expansão dos financiamentos estudantis, como o Fundo de Financiamento Estudantil - FIES e o Programa Universidade para Todos - Prouni (IBGE, 2018, p. 8).

O modelo de desigualdade de acesso ao ensino superior se perpetuou por séculos, mas vem sendo modificado através das ações dos movimentos sociais e das políticas públicas nos últimos 20 anos. Esse movimento de ruptura pode ser observado através dos dados do IBGE (2018) que mostram que, pela primeira vez na história das universidades públicas, houve mais discentes de cor parda e negra em seus espaços, a saber, 50,3%.

Esses dados são significativos, considerando que os espaços universitários eram percebidos como espaços destinados a uma elite social e branca do país. No entanto, a pandemia pode ter gerado um retrocesso nessa conquista histórica de combate à desigualdade de acesso ao ensino superior.

Com a crise sanitária e a necessidade de isolamento social, o MEC tomou algumas medidas com o objetivo de diminuir o impacto na educação superior. De acordo com a portaria nº 343, de 17 de março de 2020, foi oficializada a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durasse a situação de pandemia. O prazo previsto para essa substituição seria de 30 dias. O art. 1º autoriza:

> Em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos

> limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PORTARIA Nº343, DE 17 DE MARÇO DE 2020).

A portaria em questão exclui o ensino a distância do curso de medicina; práticas profissionais de estágio e laboratórios de todos os cursos. Foi posteriormente prorrogada por mais 30 dias através da portaria do MEC nº 473, de 12 de maio de 2020. Com ambas as portarias revogadas e sem uma previsão de retorno, a portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, estendeu o ensino a distância até 31 de dezembro de 2020. Destaca-se o inciso II:

> Será de responsabilidade das instituições a definição dos componentes curriculares que serão substituídos, a disponibilização de recursos aos alunos que permitam o acompanhamento das atividades letivas ofertadas, bem como a realização de avaliações durante o período da autorização [...] (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PORTARIA Nº544, DE 12 DE JUNHO DE 2020).

Logo as instituições de ensino superior ficaram responsáveis por definir os elementos que fossem necessários para substituir os modelos curriculares, além de dispor aos alunos meios para que pudessem acompanhar as atividades acadêmicas ofertadas. De acordo com Castioni *et* al.:

> Entre as universidades públicas, as universidades estaduais paulistas não paralisaram as atividades. Segundo o Portal de Acompanhamento da Covid-19, do Ministério de Educação (MEC), em 15 de julho de 2020, das 69 universidades federais, 53 haviam interrompido as aulas de graduação, dez estavam realizando atividades remotas e fazendo uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs) e outras seis realizavam atividades parciais (Brasil, 2020). Com relação às aulas na pós-graduação, 29 de universidades federais estavam com atividades suspensas, 23 com atividades mediadas por TICs, dezesseis com atividades parciais e uma relatava atividades normais. (CASTIONI *et* al., 2021, p.7)

A crescente mudança do perfil dos alunos das universidades públicas pode ter sofrido impactos importantes, devido à crise sanitária. As dificuldades que possivelmente os estudantes que vivem em desvantagem social têm de enfrentar, tais como as barreiras de acesso à *internet* de qualidade, espaço para dedicação ao estudo e também à realidade vivida por muitos estudantes que são pais, mães ou cuidadores que precisaram dividir o tempo entre o trabalho formal e o trabalho doméstico, as demandas dos filhos, além das preocupações com os cuidados com a saúde diante do risco de contaminação pela Covid-19, tais fatores que dificultaram a continuidade das atividades acadêmicas.

No que tange ao acesso ao ensino superior, os dados do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) podem ser um indicativo das barreiras enfrentadas pelos jovens candidatos ao acesso às universidades.

Os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) mostram que, em 2020, o número de faltantes no segundo dia de prova foi de 55,3% e em 2021 foi registrado o menor número de inscritos no exame desde 2005, menos 3.109.762 de inscrições confirmadas. Estes dados podem apontar para duas questões: a evasão escolar diante do modelo do ensino remoto emergencial e/ou que os estudantes não estão sentindo confiança em relação ao conteúdo aprendido para realização do exame (INEP, 2021). A pandemia afetou estudantes de todas as classes sociais. No entanto, os estudantes oriundos das classes populares que vivem em situação de vulnerabilidade social possivelmente padeceram mais com o Ensino Remoto Emergencial durante o período.

A falta de recursos tecnológicos para acesso às aulas remotas, bem como questões financeiras ou de espaço para se dedicar ao estudo são alguns dos motivos do abandono, principalmente para grupos mais pobres. Logo, o processo que vem sendo construído no país de elevar a qualidade da educação formal possivelmente irá sofrer um grande retrocesso. De acordo com os dados divulgados pela CNN/Brasil (2021), da pesquisa realizada pelo Datafolha em São Paulo, os prejuízos no ensino podem demorar até 11 anos para serem revertidos[3].

Nessa perspectiva, é possível que o movimento de ruptura do modelo de educação formal elitista feito durante uma década pode ter sido interrompido, tanto no ingresso quanto na permanência de estudantes no ensino superior, visto que o ERE demanda uma série de privilégios quanto à gestão do tempo e aparatos tanto econômicos quanto tecnológicos que sujeitos das classes populares de um modo geral não possuem.

4 A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO INFRAESTRUTURA SOCIAL E INFORMACIONAL

Desde o início do isolamento social, em março de 2020, decorrente da pandemia do COVID-19, até o retorno gradual das atividades presenciais, em 2022, ocorreram mudanças significativas nos costumes digitais dos sujeitos em todo o mundo, ampliando o uso de aplicativos de mensagens, mídias sociais, etc. No entanto, as bibliotecas já viam implantando

[3] Reportagem disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/secretario-de-sp-educacao-pode-levar-11- anos-para-reverter-prejuizo-da-pandemia/. A reportagem de Amanda Garcia para CNN em São Paulo, de 28/04/2021, apresenta os impactos da pandemia na educação e aponta que a pandemia deixa um novo desafio para os gestores no que se refere à qualidade e acesso à educação nos próximos anos.

em suas rotinas os recursos produzidos pelas mudanças tecnológicas ao longo dos anos, o que vem contribuindo para a melhoria nos serviços prestados aos usuários. As tecnologias da informação e comunicação têm estado cada vez mais presentes nas rotinas, promovendo mudanças nos serviços das bibliotecas em diferentes frentes, como no desenvolvimento de coleções; na aquisição; catalogação; indexação; no empréstimo e no serviço de referência.

Essas mudanças pelas quais as bibliotecas vêm passando, com a mediação tecnológica cada vez mais intensa, fazem com que novos paradigmas sejam assumidos e ganhem novos contornos nas rotinas de trabalho. Para Targino,

> as inovações tecnológicas são decisivas na mutabilidade dos paradigmas concernentes à biblioteca, em sua condição de instituição social. E, como inevitável, ao atravessar as várias fases históricas, indo do período medieval à contemporaneidade, a biblioteca assimila a realidade dos diferentes períodos e assume posturas paradigmáticas distintas. (TARGINO, 2010, 42)

Nesse caso, para que as tecnologias da informação sejam utilizadas com eficácia é importante que os profissionais da informação estejam capacitados para seu uso e abertos para mudanças e atualização nas bibliotecas, que já vinham se adaptando aos recursos tecnológicos antes da crise sanitária.

Foi neste cenário de enfrentamento à COVID-19 que a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) mobilizou-se para reunir informações de bibliotecas do mundo inteiro e criar orientações para que as bibliotecas tivessem recursos durante esse período, a fim de enfrentar barreiras impostas pela pandemia. Para a IFLA: “As bibliotecas de todo o mundo estão enfrentando escolhas difíceis acerca de quais serviços oferecer e de que forma, variando de restrições mínimas até o fechamento total” (IFLA, 2020. s.p).

Conforme o indicado pela IFLA, as unidades de informação como um todo têm enfrentado cada vez mais desafios com o objetivo de atender às necessidades informacionais dos usuários quanto às mudanças que têm afetado seus pilares de ação: informação, comunicação e conhecimento. Nesse sentido, as tecnologias têm contribuído cada vez mais para o acesso, no entanto, se ele é de fato democrático é uma questão que precisa ser investigada, posto que grupos que vivem em situação de vulnerabilidade social possivelmente tiveram dificuldade frente às mudanças no modelo de acesso à informação, acentuados desde a eclosão da pandemia de Covid-19, em 2020.

O espaço da biblioteca universitária cumpre um papel que vai além de salvaguardar o conhecimento produzido pela comunidade científica e mediar a informação. Diante da mudança do perfil social dos alunos universitários que ingressaram através das políticas de acesso, esse espaço passa a ser um instrumento que viabiliza o estudo, o descanso, o acesso à tecnologia, ou seja, um espaço de acolhimento independente da classe social.

Klinenberg (2018), sociólogo estudioso do espaço urbano, insere as bibliotecas no que ele define como infraestrutura social:

> Instituições públicas, como bibliotecas, escolas, playgrounds, parques, campos de atletismo e piscinas, são partes vitais da infraestrutura social. [...] As organizações comunitárias, incluindo igrejas e associações cívicas, atuam como infraestrutura social quando têm um espaço físico estabelecido onde as pessoas podem se reunir, assim como as feiras regularmente programadas de alimentos, móveis, roupas, arte e outros bens de consumo. (KLINENBERG, 2018, p. 16, Tradução nossa).

Assim, a infraestrutura social é composta por instituições e espaços públicos ou privados que moldam a maneira como os sujeitos interagem em determinados territórios, possibilitando acesso à informação, conhecimento e uma melhor construção de relações sociais através de seus espaços de sociabilidade. Dessa forma, desempenham papéis diversos e apoiam a construção de diferentes tipos de laços sociais. As bibliotecas e as instituições de educação formal, por exemplo, são espaços que oferecem possibilidades para interações "recorrentes frequentemente programadas e tendem a encorajar relacionamentos mais duradouros" (KLINENBERG, 2018, p. 17).

A partir da perspectiva de que os sujeitos têm por natureza identidades previamente estabelecidas e que ao serem inseridos no meio social, moldam suas identidades a partir das instituições e dos discursos que sustentam a sociedade, o social e as práticas culturais são fatores determinantes na construção do sujeito e é nesse espaço que atuam as universidades e suas bibliotecas (NEIRA, 2011).

Contudo, em decorrência do isolamento social, a demanda de acolhimento físico que as bibliotecas universitárias oferecem como espaços de convivência tanto para construção de laços como para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem fica impossibilitado, o que faz com que as bibliotecas tenham de reinventar-se para atender os usuários a partir do surgimento do novo Coronavírus, SARS-CoV-2 e a pandemia dele decorrente.

Conforme Santos (2020, p. 5) "a crise é, por natureza, excepcional e passageira, e constitui a oportunidade para ser superada e dar origem a um melhor estado de coisas". O

conhecimento e a aprendizagem que decorrem da pandemia do Coronavírus são instrumentos para pensar na mudança que a sociedade viverá depois da crise sanitária.

Assim, acredita-se que ninguém passará por essa pandemia sem sofrer algum dano, seja no campo institucional, educacional ou pessoal. Nesse sentido, as bibliotecas universitárias e as universidades deverão ter um novo olhar para suas comunidades, sobretudo para o alunado com maiores dificuldades de acesso aos recursos técnicos e informacionais.

5 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA E DESIGUALDADE DE ACESSO

As bibliotecas ao longo da sua história desenvolveram funções distintas dentro da realidade social em que estão inseridas, como “templo do saber” em que o conhecimento produzido era salvaguardado e acessado por sábios desde a Biblioteca de Alexandria, onde os primeiros registros eram em papiro. O advento da internet, que diminuiu barreiras e ampliou o acesso à informação e ao conhecimento, fez com que as bibliotecas, enquanto espaços que ampliam o acesso ao conhecimento, passassem a ser questionadas sobre sua importância para a sociedade, tornando-se um organismo mutante, que está em constante crescimento, acompanhando as mudanças da sociedade, garantindo sua perpetuação e provando sua importância.

As bibliotecas universitárias ou acadêmicas são definidas por Cunha e Cavalcante (2008) como aquelas que são mantidas

> por uma instituição de ensino superior e que atende às necessidades de informação do corpo docente, discente e administrativo, tanto para apoiar as atividades de ensino, quanto de pesquisa e extensão. Pode ser uma única biblioteca ou várias organizadas como sistema ou rede. (CUNHA; CAVALCANTE, 2008, p. 53).

A partir da definição acima pode-se aferir que as bibliotecas universitárias são entidades que têm a capacidade de articular uma rede de troca de informação, não apenas para a comunidade acadêmica, mas ainda para a comunidade externa. Mediadoras da informação e também mecanismos sociais que disseminam a informação científica para a sociedade, as bibliotecas universitárias são vistas pelas próprias instituições às quais pertencem como serviços essenciais de apoio ao ensino, pesquisa e extensão. São responsáveis pela salvaguarda dos estudos desenvolvidos pela comunidade científica, tendo também a missão de compartilhar informações e oferecer serviços para toda a sociedade.

As reflexões ainda incipientes sobre a importância das bibliotecas universitárias como espaços significativos para a comunidade acadêmica e, principalmente, aos alunos oriundos de classes sociais menos favorecidas, bem como a mediação tecnológica que ganhou relevância nos processos de ensino remoto emergencial, começam a considerar esse novo cenário pandêmico, ou seja, a nova construção social e as novas demandas que refletiram nos usos das tecnologias para que diversos setores não parassem durante a pandemia. O uso das tecnologias que já vinha numa crescente, ganhou ainda mais intensidade e urgência neste momento.

Com a finalidade de explorar o campo da pesquisa e verificar o pressuposto geral a respeito do impacto da pandemia do Covid-19 nas universidades públicas e suas bibliotecas, foi realizada em janeiro de 2022 uma entrevista exploratória com a Coordenação do SiBI. Nesta entrevista foi possível coletar dados com o objetivo de dimensionar as reflexões propostas no presente estudo de doutoramento a fim de mensurar o impacto causado pela pandemia de Covid-19 nas bibliotecas universitárias a partir do olhar da gestora das bibliotecas da UFRJ.

Cabe ressaltar que a UFRJ é considerada uma da UFRJ é considerada umas das melhores instituições de ensino superior do país, a terceira melhor do Brasil e a quarta melhor universidade da América latina de acordo com a classificação do estudo norte-americano *Best Global Universities* 2021[4].

Nessa perspectiva, as bibliotecas e centro de documentação que fazem parte da UFRJ que são gerenciados pelo Sistema de Bibliotecas (SiBI) que é um:

> órgão suplementar do Fórum de Ciência e Cultura (FCC), é gerenciador das 44 bibliotecas da UFRJ e tem por objetivo principal a interação de suas bibliotecas com a política educacional e administrativa da Universidade, servindo de apoio aos programas de ensino, pesquisa e extensão. Desta forma, fomentamos a colaboração e a produção técnico-científica, cultural, literária e artística, através do desenvolvimento de serviços e produtos de informação. O SiBI está subdividido entre Coordenação, Secretaria, Centro Referencial, Desenvolvimento de Bibliotecas, Processamento Técnico e Memória Institucional (UFRJ. FÓRUM DE CIÊNCIA E CULTURA. SIBI)

Logo o SiBI, busca alinhar as ações, atividades e serviço das bibliotecas e centros de documentação com a finalidade de contribuir com a excelência das pesquisas em

[4] A pontuação geral da Universidade Federal do Rio de Janeiro é 56,3. Sendo a terceira melhor universidade do país e a quarta melhor da América Latina. Atrás apenas da Universidade de São Paulo (69.6), Universidade Estadual de Campinas (60.4) e da Pontifícia Universidade Católica do Chile (59.1)

andamento, dando suporte a comunidade acadêmica e também buscando constantemente capacitar seus profissionais.

No que tange ao fechamento da universidade durante o período de isolamento social, Os decretos emitidos pelo MEC foram suficientes. No entanto, as bibliotecas universitárias por serem consideradas serviços essenciais não tiveram clareza e orientação de como proceder. Assim, a coordenação do SiBI da UFRJ, assumiu a responsabilidade em orientar o seu fechamento das suas bibliotecas e centro de documentação.

Na UFRJ o "SiBI deixou que cada biblioteca organizasse seu planejamento para oferecer os serviços possíveis dentro de suas realidades locais, que envolvem pessoal e infraestrutura"(ENTREVISTA EXPLORATÓRIA, 2022). Dentro dessa realidade, respeitando as características de cada biblioteca da universidade, o modelo de trabalho adotado foi de divulgação de notícias científicas através das mídias sociais. Também foi dada oportunidade e feita à divulgação de cursos de capacitação para os servidores, além da troca de experiências vivenciadas durante a pandemia para melhoria do serviço ofertado.

Como instrumentos, as mídias sociais foram verdadeiros aliados na divulgação dos serviços ofertados pelas bibliotecas, aquisições realizadas e meios possíveis de acesso à informação, em algumas bibliotecas. No início da pandemia, ainda com a incerteza da duração do isolamento social, os bibliotecários fizeram plantão para recebimento de livros emprestados. Outro serviço elaborado que cresceu durante o isolamento foi a elaboração de tutoriais para uso das bases de dados. Todas as ações foram mapeadas e acompanhadas pelo SiBI.

Com relação aos grupos sociais que se acredita que tenham sido mais afetados com o fechamento das bibliotecas, a coordenação do SiBI ressaltou que houve uma mudança de perfil dos usuários das bibliotecas universitárias devido às políticas públicas implementadas pelo governo federal ao longo das duas últimas décadas. Com isso, foi possível observar que o uso dos espaços físicos e consultas locais haviam aumentado ao longo dos anos.

A coordenadora do SiBI ressaltou que possivelmente os alunos de baixa renda foram os mais afetados com o isolamento social, partindo do pressuposto de que esses grupos não possuem acesso à *internet* de qualidade em suas residências. Também porque "perdem o contato com a universidade, com as bibliotecas, com os colegas, perdem acesso aos acervos

eletrônicos disponíveis pela *intranet"* e perdem o acesso aos espaços que complementam o processo de ensino e aprendizagem "(ENTREVISTA EXPLORATÓRIA, 2022).

Corroborando com pressuposto geral apresentado acima, Castioni *et*. al. (2021, p. 21), apontam que a exclusão digital é bem definida na sociedade e passa pelos aspectos da cor e renda: cerca de dois terços dos estudantes de graduação têm renda domiciliar *per* capita de até um salário-mínimo e são pessoas negras ou indígenas.

Por essa perspectiva, refletir sobre a desigualdade de acesso aos recursos tecnológicos dos sujeitos que vivem em desvantagem social torna-se relevante entendendo que a infraestrutura social ofertada pelas universidades públicas, destacando as bibliotecas universitárias, são relevantes no processo de permanência e conclusão do ensino superior.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo proposto para a realização no processo de doutoramento tem por objetivo refletir sobre a mediação tecnológica e desigualdade de acesso por parte dos sujeitos que vivem em situação de desvantagem social, tendo como foco as bibliotecas universitárias e seus espaços físicos como instrumento relevante no processo de ensino e aprendizagem.

As bibliotecas universitárias podem ser entendidas como parte importante no processo de ensino e aprendizagem, principalmente para os estudantes oriundos das políticas de ações afirmativas, posto que as bibliotecas colaboram no combate da desigualdade de acesso à informação e ao conhecimento.

O ERE fez com que o ensino não fosse interrompido durante o período de isolamento social, mas questões importantes devem ser analisadas de forma crítica, tais como: não são todos os discentes que têm condições de dar sequência ao processo de ensino durante a pandemia visto que o formato remoto demanda que os sujeitos tenham acesso à tecnologia e conexão de qualidade. Logo, estudantes que vivem em situação de desigualdade social nem sempre possuem ambos os recursos.

Considerando a importância da pesquisa preliminarmente, foi realizada busca nas bases de dados brasileiras online da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação entre 2020 a 2022 sobre o tema (biblioteca universitária e pandemia). Os resultados encontrados nas bases de dados foram pouco expressivos, representando um total de seis artigos em 2020 e chegando a onze em 2022.

Os estudos que foram recuperados nesse primeiro momento apontam que o assunto "as bibliotecas universitárias na pandemia" já vem sendo explorado. No entanto, tais trabalhos estão focados no que tange ao uso da tecnologia, das mídias sociais, como as bibliotecas tiveram que se adaptar e os protocolos de atendimentos remoto com o objetivo de atender a comunidade acadêmica diante da crise sanitária.

No entanto, não foram recuperados artigos que tenham enfoque na biblioteca universitária como infraestrutura social relevante no processo de ensino e aprendizagem principalmente para os alunos oriundos de classes sociais menos favorecidas.

A entrevista exploratória realizada com a coordenação do SiBI da UFRJ foi de grande relevância, posto que possibilitou concluir, nesse primeiro momento, que os estudantes oriundos das classes sociais menos favorecidas sofreram um impacto maior causado pela crise sanitária do novo Coronavírus no processo de ensino e aprendizagem. Também foi possível identificar a importância da mediação tecnológica nos serviços das bibliotecas universitárias, realçando a necessidade de constante capacitação por parte dos técnicos administrativos para melhor atender o corpo acadêmico.

Ainda que as bibliotecas universitárias já viessem se reconstruindo no que se refere ao uso das tecnologias, o impacto da pandemia no que tange tanto à qualificação da prestação de serviços, como no atendimento das demandas do corpo acadêmico, foi um desafio para os profissionais da informação, pois precisaram se reinventar e se capacitar uma vez que os serviços passaram a ser mediados de forma mais intensa pelos recursos tecnológicos.

Por fim, compreender que o Brasil é marcado pela exclusão e desigualdade social ou até mesmo uma inclusão precária, o impacto previsto com a pandemia na educação formal e no acesso à informação e ao conhecimento é ainda mais preocupante, tendo em conta a ampliação da desigualdade social e racial. A falta de acesso aos recursos tecnológicos, somados às dificuldades de continuidade das atividades durante a pandemia possivelmente contribuirão com a ampliação da desigualdade social. Nesse sentido, os espaços públicos ofertados pelas universidades, aqui destacada a biblioteca universitária, são significativos no sentido de acolher o alunado e a comunidade, e assim contribuir para reduzir a desigualdade social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. INEP. **Divulgados os números de inscritos no Enem 2021 por UF.** Assessoria de Comunicação Social do Inep. Publicado em 16/07/2021 10h55 Atualizado em 11/04/2022 13h24. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/enem/divulgados-os-numeros-de-inscritos-no-enem-2021-por-uf. Acesso em: 06/09/2021.

_____. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm acesso em 02/08/2021.

_____. Ministério da Educação. PORTARIA Nº 473, DE 12 DE MAIO DE 2020. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/diarios/296929006/dou-secao-1-13-05-2020-pg-55. Acesso em 02/08/2021.

_____. Ministério da Educação. PORTARIA Nº 544, DE 16 DE JUNHO DE 2020. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872 Acesso em 02/08/2021

CASTIONI, Remi et al. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Texto para discussão**: universidades federais na pandemia da COVID-19: a falta de acesso à internet interdita mesmo o ensino? Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 2021.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: educação 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf. Acesso em: 16/07/2019.

IFLA. **A COVID-19 e o Setor de Bibliotecas em Termos Mundiais**. 2020. Disponível em: https://www.ifla.org/files/assets/hq/topics/libraries-development/documents/COVID-19_and_the_global_library_field-pt.pdf. Acesso em: 13 Maio. 2021.

KLINENBERG, Eric. **Palaces for the People**: How Social Infrastructure Can Help Fight Inequality, Polarization, and the Decline of Civic Life. Estados Unidos: Crows, 2018, 277 p.

MARTINS. Antonio Carlos Pereira. Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. IN. **Acta Cirúrgica Brasileira**. Vol.17 (Suplemento 3) 2002.

NEIRA, Marcos Garcia. A educação básica e os desafios nas questões relacionadas com a diversidade cultural e suas práticas curriculares. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 20, n. 43, p. 323-342, maio/ago. 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

TARGINO, Maria das Graças. A biblioteca do século XXI: novos paradigmas ou meras expectativas? **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v.20, n.1, p. 39-48, jan./abr. 2010. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/93177 acesso em: 21/01/2022.